

PERCEPÇÕES SOBRE ALIMENTOS ORGÂNICOS DE ALUNOS DE DUAS ESCOLAS DE CORUMBÁ/MS

PERCEPTIONS ABOUT ORGANIC FOOD AMONG STUDENTS FROM TWO SCHOOLS IN CORUMBÁ, MATO GROSSO DO SUL

Edgar Aparecido da Costa^{1*}, Greiciane Pessoa Santana², Walter Ferreira dos Santos³

¹ Doutor em Geografia, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, MS, Brasil, edgarac10@gmail.com

² Acadêmica de Geografia, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, MS, Brasil, greicianepessoasantana@gmail.com

³ Acadêmico de Geografia, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, MS, Brasil, walterferreira3244@gmail.com

* Autor de correspondência

Resumo

A abordagem da segurança alimentar e a inserção dos alimentos orgânicos na alimentação da população são temas fundamentais para a saúde e devem ser trabalhados na educação básica. A pesquisa parte da interrogação sobre a eficácia das escolas em trabalhar temas ligados à agroecologia e à alimentação saudável. Assim, o objetivo do trabalho é descrever as percepções sobre agroecologia e alimentos orgânicos de alunos em duas escolas localizadas em Corumbá/MS, na fronteira Brasil-Bolívia. Trata-se de uma pesquisa quantitativa e descritiva, utilizando técnicas de pesquisa bibliográfica e aplicação de questionário com perguntas estruturadas junto a discentes do 6º ao 8º ano. Foram entrevistados 147 estudantes, sendo 60 de uma escola e 87 de outra. Os resultados indicaram que, embora a maioria dos alunos afirme saber o que são alimentos orgânicos, eles não conseguem associá-los à agroecologia, demonstrando confusão conceitual (como misturar orgânico com hidroponia) e falha em distinguir a produção agroecológica da agricultura convencional.

Palavras-chave: Agroecologia. Educação alimentar. Escolas públicas.

Abstract

The approach to food security and the inclusion of organic foods in the population's diet are fundamental issues for health and should be addressed in basic education. The research starts from the question of how effective schools are in addressing issues related to agroecology and healthy eating. Thus, the objective of this study is to describe the perceptions of students at two schools located in Corumbá, Mato Grosso do Sul, on the Brazil-Bolivia border, regarding agroecology and organic foods. This is a quantitative and descriptive study, using bibliographic research techniques and a questionnaire with structured questions administered to students in grades 6 through 8. A total of 147 students were interviewed, 60 from one school and 87 from another. The results indicated that, although most students claim to know what organic foods are, they are unable to associate them with agroecology, demonstrating conceptual confusion (such as mixing organic with hydroponics) and a failure to distinguish agroecological production from conventional agriculture.

Keywords: Agroecology. Food education. Public schools.

©UNIS-MG. All rights reserved.

1 INTRODUÇÃO

Abordar o tema segurança alimentar e nutricional tem relevância nos tempos atuais e cada vez mais os consumidores se distanciam dos produtores dos alimentos. Segundo Scarabelot e Schneider (2012), os consumidores têm assumido uma postura mais crítica e reflexiva, estabelecendo “critérios” próprios para a escolha dos alimentos. São poucas pessoas que buscam pela qualidade com base no conhecimento e proximidade com o produtor. A maior parte das escolhas é feita pelo preço do produto e os orgânicos são mais caros nos supermercados.

Em reportagem no Jornal O Globo, em fevereiro de 2024, Everaldo Zonta, diretor do Instituto de Agronomia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, apontou que os alimentos orgânicos são cerca de 30% mais caros nas feiras e, muitas vezes, seu preço pode chegar ao dobro do alimento convencional (Nunes, 2024).

Em um estudo de duas feiras distintas (de orgânicos e de alimentos convencionais) na cidade de Goiânia, Farias, Soares e Souza (2022) perceberam que os preços dos alimentos orgânicos foram sempre superiores aos dos alimentos convencionais. Resultados semelhantes foram obtidos por Silva, Kolchinski e Biondo (2023), ao estudar dois supermercados e uma fruteira na cidade de Guaporé/RS. Eles identificaram que seus entrevistados não compravam orgânicos em razão dos preços elevados e da escassa oferta desses produtos.

Alimentos orgânicos, para muitas pessoas, equivalem a um alimento sem agrotóxico. Será que essa afirmação procede? Ou será que o conceito vai muito além disso? Segundo Darolt (2015, p. 16-29), os alimentos orgânicos são cultivados sem o uso de agrotóxicos, como “inseticidas e herbicidas” e priorizam práticas agrícolas sustentáveis. A produção orgânica emprega adubos de origem natural, caracterizados por baixa dissolução e adota técnicas como “cobertura de solo” com vegetação espontânea, que contribui para a manutenção da fertilidade.

Em uma reportagem publicada em 2023, a Agência Brasil, divulgou o estudo da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) que fez um alerta em relação a presença de resíduos de agrotóxicos em alimentos. Dados de pesquisas realizadas em supermercados de todo o Brasil, demonstraram que 25% dos alimentos de origem vegetal não se encaixavam nos padrões sanitários estabelecidos (Laboissieré, 2023).

De acordo com Chies e Sacco (2024, p. 02), a ausência de informações sobre a “contaminação dos produtos agroalimentares” e o seu “processo de elaboração e manipulação” provocam incertezas na população em relação a procedência dos alimentos consumidos em suas refeições diárias. Essa realidade é alarmante, uma vez que a ingestão de alimentos de origem duvidosa pode representar risco à saúde. Nesse contexto, os alimentos orgânicos são uma alternativa viável para mitigar essa problemática.

Giordani, Bezerra e Anjos (2017, p. 433), apontam que a agroecologia ganhou destaque em “relação ao contexto social e político” e se consolida como uma estratégia fundamental para a promoção da sustentabilidade e segurança alimentar. Também, é importante na redução da dissociação entre o ser humano e a natureza, numa perspectiva de equilíbrio. Trata-se de uma ciência essencial para a práxis transformadora das práticas agrícolas convencionais em modelos sustentáveis.

Segundo Costa Neto e Canavesi (2002, p. 203), a expressão agroecologia foi “utilizada pela primeira vez em 1930”. Representa um resgate da relação mais harmoniosa das comunidades

tradicionais com seu ambiente de vida. Uma resposta ao modelo produtivo induzido pela mecanização e utilização de insumos químicos da agricultura moderna.

De acordo com Oliveira et al. (2025, p. 1), a dependência da agricultura moderna no uso de fertilizantes tem sido uma das principais causas de “impactos ambientais negativos”. Essa prática compromete a sustentabilidade dos ecossistemas agrícolas, a qualidade do solo e torna os produtores dependentes da aplicação contínua desses insumos para manter a produtividade.

Para Gliessman (2000, p. 54), agroecologia é uma ciência que usa os princípios da ecologia no planejamento e “manejo” dos “agroecossistemas”. É fundamental para a construção de sistemas agrícolas sustentáveis, ajuda a compreender como os elementos da natureza se relacionam para aplicar técnicas de manejo do solo que respeitem e aproveitem os processos naturais.

Logo, a educação desempenha um papel central em possibilitar que os conhecimentos sobre agroecologia possam ser transmitidos e discutidos no ambiente escolar, pois o Art. 26 enfatiza a inclusão de conteúdos diversificados, nesse sentido o tema como agroecologia e alimento orgânico, incluirá aos temas transversais (Brasil, 1996). Segundo Lemes e Nunes (2024), a educação e a agroecologia estão unidas e tanto as escolas do campo quanto as das cidades podem trabalhar com atividades voltadas para o conhecimento agroecológico, especialmente, numa abordagem interdisciplinar.

Este trabalho parte da interrogação: será que as escolas têm trabalhado conteúdos ligados ao conhecimento de agroecologia e alimentação saudável? Assim, o objetivo é descrever as percepções sobre agroecologia e alimentos orgânicos de alunos de duas escolas de Corumbá/MS.

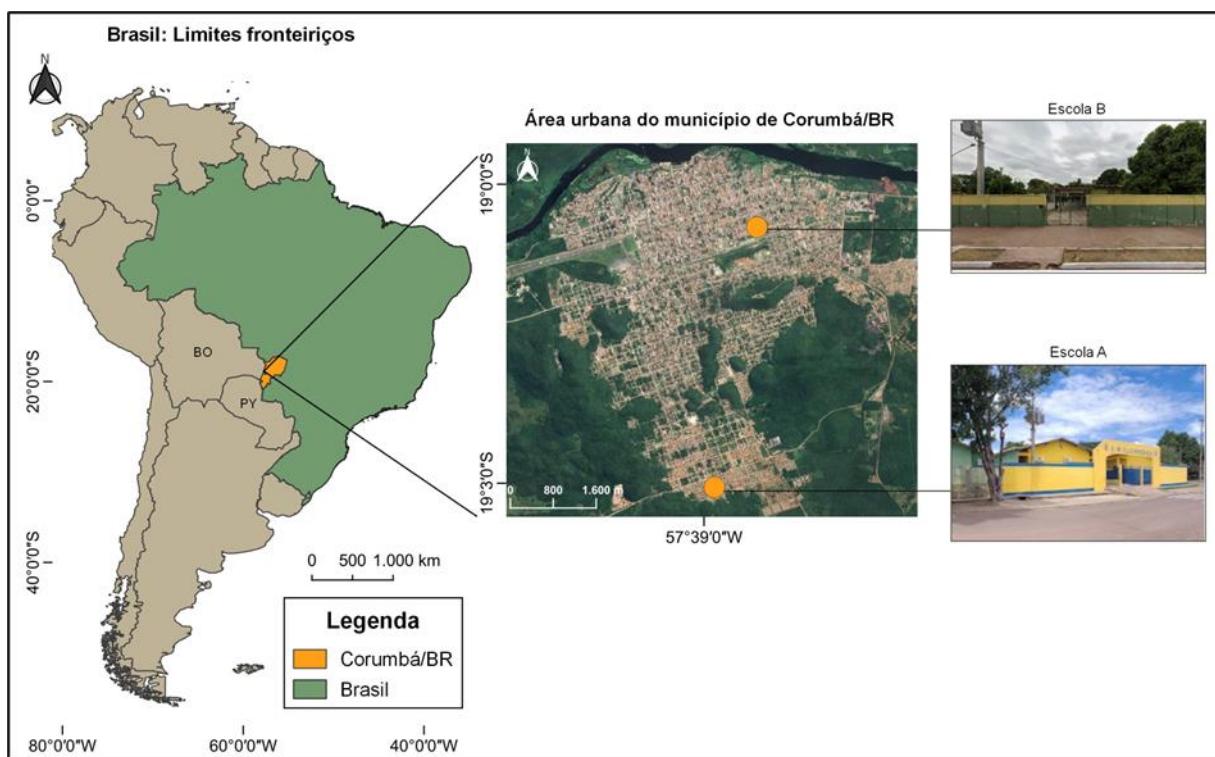
Este artigo foi estruturado em mais duas seções, além desta introdução e das considerações finais. A seguir é apresentada a metodologia utilizada para a realização da pesquisa com a localização das escolas e os critérios utilizados para as escolhas das técnicas utilizadas. Posteriormente são trazidos os resultados e a discussão deles. Optou-se por apresentar lado a lado os gráficos dos resultados dos questionários aplicados nas escolas, para permitir a comparação. O foco da análise recai sobre a agroecologia, alimento orgânico, educação e segurança alimentar.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Este artigo é resultante de trabalho de campo da disciplina Geografia Agrária, ministrada no curso de Geografia do Câmpus do Pantanal da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no segundo semestre de 2024. Portanto, a escolha das escolas foi realizada em função do estágio obrigatório para a licenciatura. Esse contexto possibilitou a condução de entrevistas aos alunos, que foi realizada com o uso de um questionário.

Adotou-se todos os critérios para garantir as questões relacionadas à ética da pesquisa, mesmo sem a submissão a um Comitê de Éticas em Pesquisas (CEP). Tanto assim que o nome das escolas foram suprimidos e adotadas as denominações “A” e “B”. Também, não se utilizou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). No entanto, os alunos foram informados de todas as possibilidades consoantes ao mesmo e aceitaram, livremente, participar da pesquisa.

As instituições de ensino escolhidas estão situadas na zona urbana do município de Corumbá, no estado de Mato Grosso do Sul. A cidade encontra-se a aproximadamente 430 km da capital, Campo Grande, e fica a 10 km da linha de fronteira do Brasil com a Bolívia (Figura 1).



Fonte: Autores, 2025.

Figura 1 - Localização das escolas escolhidas para estudo em Corumbá-MS

A escolha de ambas as escolas, uma da rede estadual e outra municipal, justificou-se pelo fato dessas instituições ofertarem o ensino fundamental dos anos finais. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nos artigos 10 e 11, incube a responsabilidade ao Estado e Município quanto a oferta da Educação Básica (Brasil, 1996). De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as etapas do ensino fundamental são denominadas Ensino Fundamental-anos iniciais (1º ao 5º ano) e Ensino fundamental-anos finais (6º ao 9º ano).

A proposta é de passar a responsabilidade do ensino fundamental (do 6º ao 9º ano) e o ensino médio para o Estado. Percebe-se, contudo, uma mudança gradual e a critério das negociações entre Estado e Município. Nos casos investigados, uma escola já passou para a responsabilidade da Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul (SED), enquanto a outra continua sendo administrada pela Secretaria Municipal de Educação de Corumbá (REME).

Trata-se de uma pesquisa quantitativa e descritiva. Utilizou-se como técnicas, a pesquisa bibliográfica e aplicação de um questionário estruturado. O questionário foi aplicado aos estudantes do 6º, 7º e 8º ano. Na Escola A, municipal, obteve-se um total de 60 alunos respondentes, enquanto na Escola B, estadual, foram 87 alunos que responderam ao questionário. Os nomes das escolas foram omitidos por questões éticas da pesquisa.

A aplicação do questionário ocorreu em turmas onde se realizava o estágio, mediante autorização prévia dos professores supervisores, aos quais foram esclarecidos os objetivos da

pesquisa. A participação dos alunos, conforme as escolas e as séries em curso, é demonstrada na tabela 1.

Tabela 1 - Alunos participantes da pesquisa, segundo a escola e série cursada

| Escolas | Número de alunos | | | Total |
|----------|------------------|--------|--------|-------|
| | 6º Ano | 7º Ano | 8º Ano | |
| Escola A | 12 | 27 | 21 | 60 |
| Escola B | 25 | 41 | 21 | 87 |
| Total | 37 | 68 | 42 | 147 |

Fonte: Trabalho de campo, 2024. Org. Autores, 2025.

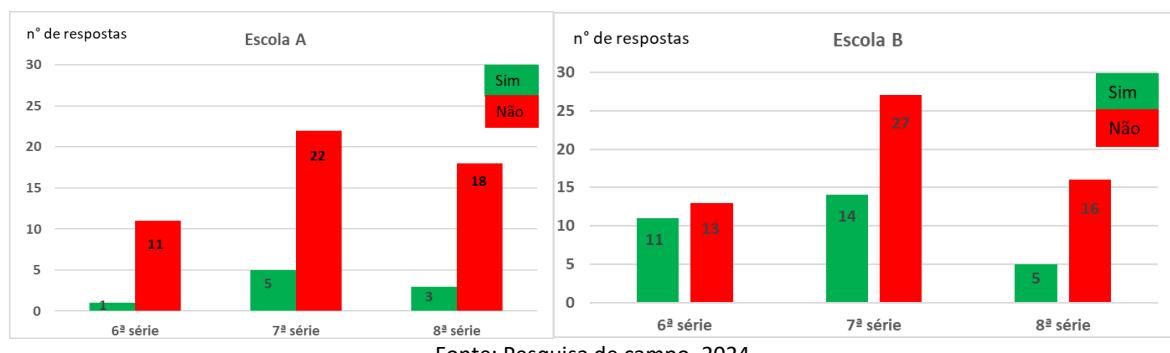
Observa-se que houve um número maior de respondentes na escola B (59,18%) em razão de possuir maior quantidade de alunos matriculados nessas séries. O 7º ano teve maior quantidade de respondentes (46,26%), seguido do 8º ano (28,57%) e do 6º ano (25,17%).

Em ambas as escolas, todos os alunos que estavam presentes na sala, no dia escolhido para aplicação do questionário, foram convidados e aceitaram participar da pesquisa. Foi identificado que alguns alunos tiveram dificuldades na compreensão de determinadas palavras como hidropônico e orgânico. Como o objetivo da pesquisa era analisar os conhecimentos dos estudantes sobre alimento orgânico, adotou-se a estratégia de não interferir durante o preenchimento do questionário com a intenção de garantir a naturalidade das respostas dos participantes. Após o término da aplicação da pesquisa, essas dúvidas dos alunos foram esclarecidas.

Após a aplicação do questionário, optou-se por elaborar gráficos para analisar e comparar os dados obtidos no levantamento primário. Foram consideradas as variáveis Escola e Séries escolares.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa revelou um baixo nível de conhecimento sobre agroecologia entre os alunos de ambas as escolas (respectivamente, 85% e 65,12%), com um desconhecimento particularmente expressivo na Escola A (Gráfico 1). Essa ausência de familiaridade com o tema foi observada em todas as séries, indicando que a agroecologia é uma ciência ainda pouco explorada no contexto da sala de aula e na vivência diária dos estudantes.



Fonte: Pesquisa de campo, 2024.

Gráfico 1 - Conhecimento sobre agroecologia de discentes das escolas estudadas em Corumbá-MS

A falta de formação específica dos professores é a causa central. A agroecologia, por definição, é uma ciência que exige uma abordagem transdisciplinar e holística (Altieri, 2002). Ela integra conhecimentos da ecologia, agronomia, sociologia e economia, desafiando a estrutura tradicional do currículo escolar, que é fragmentada em disciplinas estanques.

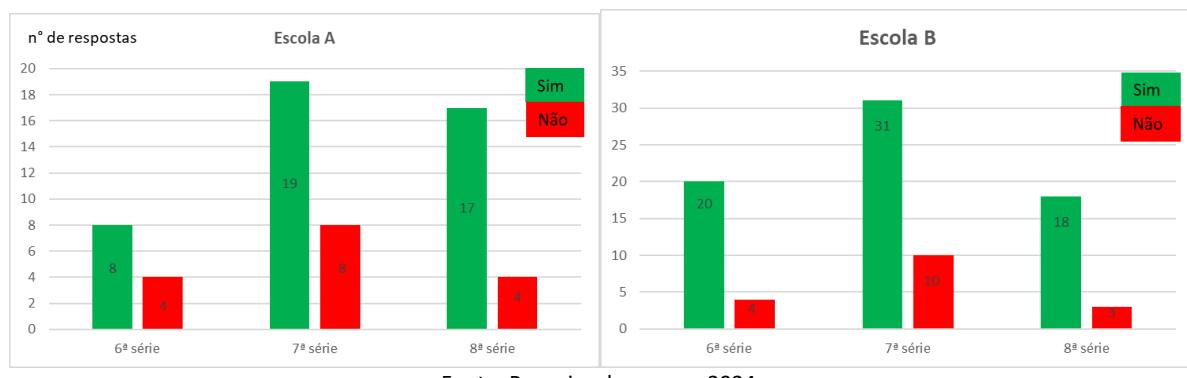
Altieri (2002) argumenta que a transição agroecológica depende de uma mudança de paradigma, o que implica que o professor não pode se limitar a repassar técnicas, mas precisa compreender a agroecologia como um modelo de desenvolvimento socioambiental.

A priorização de conteúdos tradicionais e a dificuldade com a abordagem interdisciplinar ocorrem porque a formação inicial docente, majoritariamente especializada, não prepara os educadores para articular saberes (Sacristán, 2000). A ausência da agroecologia no dia a dia é, portanto, uma falha na formação que impede a aplicação de um currículo verdadeiramente integrador.

Ampliar a inserção da agroecologia no ambiente escolar de Corumbá não é apenas uma questão de transmitir informações, mas sim de promover uma mudança de paradigma na forma como os jovens percebem a produção de alimentos e sua relação com o meio ambiente. Através de atividades teóricas e práticas, como a criação de hortas escolares agroecológicas, a realização de visitas a propriedades que adotam esses princípios nos assentamentos rurais de Corumbá e Ladário e o debate sobre as políticas públicas de apoio à agroecologia, os estudantes podem desenvolver um conhecimento mais profundo e engajador sobre o tema.

A agroecologia, para ser ensinada de forma crítica, precisa ser vivenciada. A ausência de ligação com as experiências práticas da comunidade impede que a escola cumpra seu papel de mediadora entre o saber científico e o saber popular, transformando a educação em um ato “bancário” e alienante (Freire, 2000). A superação dessa carência requer a adoção de uma pedagogia do lugar, onde o entorno geográfico e social se torna o próprio material didático.

A pesquisa de campo evidenciou diferentes níveis de conhecimento sobre alimentos orgânicos entre as escolas analisadas (Gráfico 2). Tanto na Escola A (73,33%) quanto na Escola B (80,23%), a maioria dos alunos entrevistados disseram saber o que são alimentos orgânicos, padrão repetido em todas as séries. Respectivamente, 26,67% e 19,77% estudantes desconhecem ou não conseguiram responder à pergunta.



Fonte: Pesquisa de campo, 2024.

Gráfico 2 - Conhecimento sobre alimentos orgânicos de discentes das escolas estudadas em Corumbá-MS

Essa constatação permite uma discussão teórica sobre a eficácia da penetração do termo ‘orgânico’ no imaginário social. Esse termo está fortemente associado ao marketing de saúde, bem-estar e status. Conforme Klos e Verruma-Bernardi (2017), a mídia e o mercado varejista promovem o alimento orgânico como um produto superior e mais seguro, o que facilita sua identificação pelo público geral, incluindo jovens em idade escolar. O conhecimento, nesse caso, é primariamente informativo, e não conceitual.

A capacidade de diferenciar agroecologia de produção orgânica é de grande relevância, pois embora ambas priorizem a preservação do meio ambiente, sua compreensão ainda é incipiente na sociedade, conforme evidenciado pelo conhecimento restrito dos alunos das escolas estudadas (Gráfico 3). Na Escola A, 81,67% disseram não saber a diferença entre ambas, enquanto na Escola B foram 74,42% que admitiram desconhecer o diferencial. Índices semelhantes foram mantidos em todas as séries analisadas.

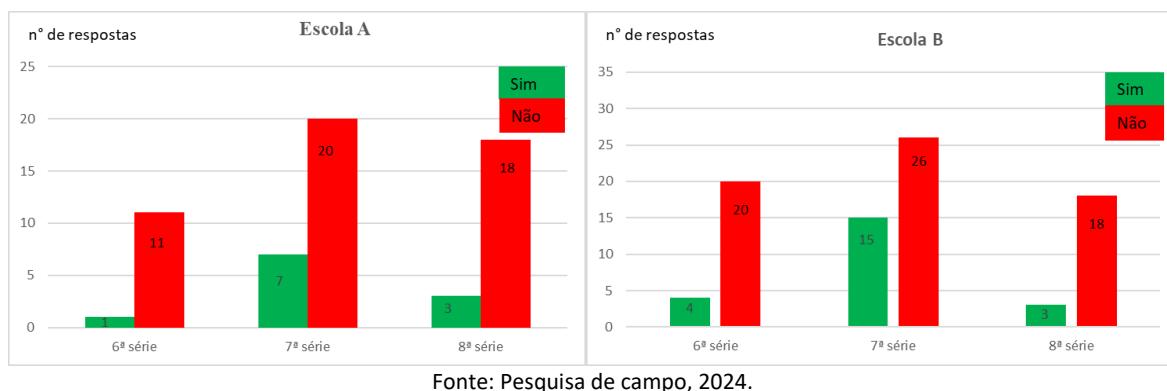
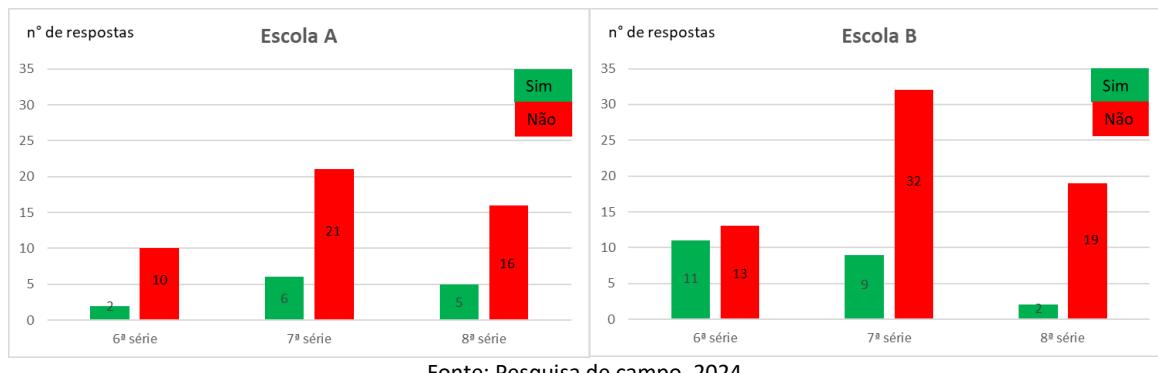


Gráfico 3 - Conhecimento sobre a diferença entre agroecologia e produção orgânica de discentes das escolas estudadas em Corumbá-MS

A produção orgânica é uma prática agrícola que visa a produção de alimentos saudáveis sem o uso de insumos sintéticos, enquanto a agroecologia é uma ciência e um modo de vida que busca transformar o sistema alimentar de forma mais ampla, considerando aspectos ecológicos, sociais e culturais (Torres, 2023). A maior diferença entre elas é o fato dos produtos orgânicos receberem um selo de garantia de conformidade por um organismo credenciado junto ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA).

A pesquisa de Leme, Philippi e Toassa (2011) sobre segurança alimentar aponta que o conhecimento superficial sobre alimentos orgânicos foca na exclusão de agrotóxicos, mas falha em distinguir a produção orgânica da abordagem holística da agroecologia. A ausência da agroecologia no currículo impede que o aluno faça as conexões críticas.

O Gráfico 4 revela um ponto crítico no conhecimento dos alunos de ambas as escolas investigadas: a indistinção entre os métodos de produção orgânica e convencional. Cerca de 2/3 dos respondentes (78,33% na Escola A e 74,42% na Escola B) alegaram desconhecer essa diferença. A dificuldade de diferenciação se manifesta consistentemente em todas as séries analisadas, sinalizando uma lacuna fundamental na compreensão dos princípios que regem a produção de alimentos. Apenas na 6ª série da Escola B observa-se quase uma equivalência entre o conhecimento e o desconhecimento do diferencial entre uma e outra.



Fonte: Pesquisa de campo, 2024.

Gráfico 4 - Conhecimento sobre a diferença entre a produção orgânica e a convencional de discentes das escolas estudadas em Corumbá-MS

Essa falta de clareza impede que os estudantes desenvolvam uma visão crítica sobre os diferentes sistemas de produção e seus respectivos impactos na saúde humana e no meio ambiente. A produção convencional, frequentemente dependente de agrotóxicos sintéticos, fertilizantes químicos solúveis e organismos geneticamente modificados, contrasta fortemente com os princípios da produção orgânica, que prioriza o uso de recursos naturais de forma sustentável, a preservação da biodiversidade e a exclusão de insumos sintéticos prejudiciais (Darolt, 2007).

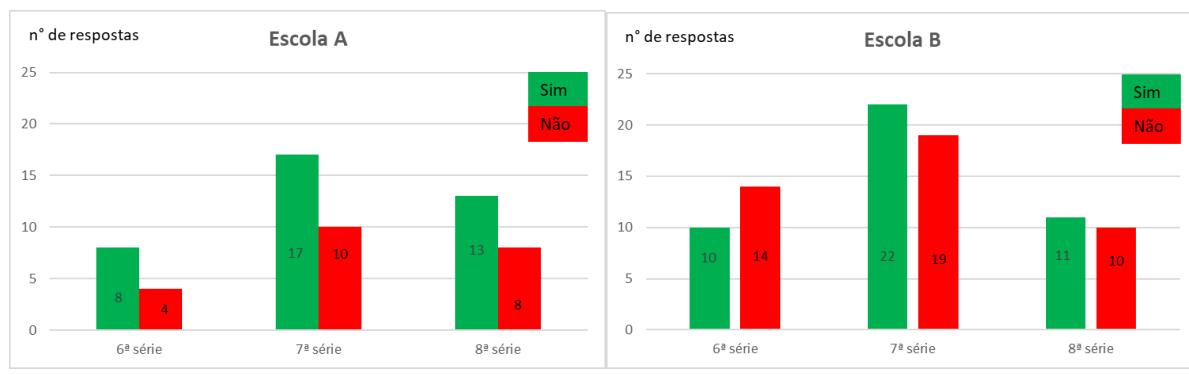
Na mesma direção, Rosset et al. (2014) destacam que a principal diferença entre os sistemas está na sua filosofia. Enquanto o método convencional almeja a produtividade máxima através do uso intensivo de insumos sintéticos (fertilizantes e agrotóxicos), o método orgânico/agroecológico busca o equilíbrio do agroecossistema através de práticas naturais (rotação de culturas, adubação verde).

A incompreensão dessa diferença no entendimento dos alunos pode refletir a forma como o tema da produção de alimentos é abordado no currículo escolar. É possível que a temática seja tratada de forma superficial ou que não haja uma exploração aprofundada das diferenças filosóficas, técnicas e ambientais entre os sistemas orgânico e convencional. A introdução de atividades práticas, como visitas a propriedades orgânicas e convencionais, a análise comparativa de rótulos de alimentos e a discussão sobre os impactos de cada sistema, poderia contribuir significativamente para uma melhor compreensão por parte dos estudantes.

O desconhecimento da diferença entre produção orgânica e convencional, observado de forma transversal entre as séries, representa um desafio a ser enfrentado pela educação básica. Superar essa lacuna é essencial para capacitar os futuros cidadãos a fazerem escolhas alimentares conscientes, a valorizarem a sustentabilidade na agricultura e a compreenderem as complexas relações entre a produção de alimentos, a saúde e o meio ambiente.

Vale lembrar que a educação deve ser uma prática de liberdade e práxis, onde a teoria se une à ação e à reflexão (Freire, 2000). O desconhecimento da diferença entre as duas formas de agricultura persiste porque a escola não está levando os alunos a vivenciar ou a estudar a realidade da agricultura familiar e agroecológica de sua própria região (Corumbá/Ladário).

A maioria dos alunos de ambas as escolas considera que os produtos hidropônicos podem ser classificados como orgânico. Na Escola B, exatamente, a metade dos alunos consideram que são produtos equivalentes, enquanto na Escola A esse percentual sobe para 63,33%. O correto seria os discentes responderem não. Esse padrão de respostas se mantém em todas as séries.



Fonte: Pesquisa de campo, 2024.

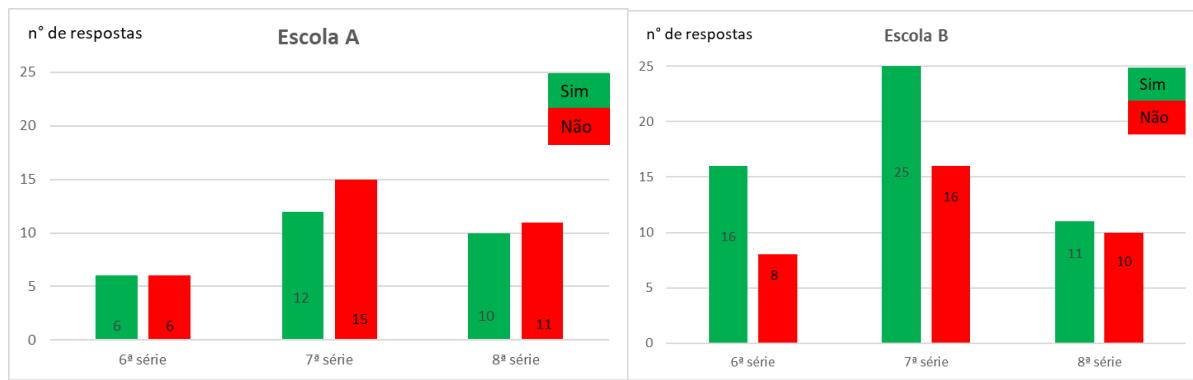
Gráfico 5 - Entendimento sobre a equivalência entre hidroponia e produção orgânica de discentes das escolas estudadas em Corumbá-MS

É possível que o público em geral, e os estudantes em particular, associem orgânico e hidropônico pela percepção de limpeza, controle e ausência de sujeira. O consumidor leigo frequentemente associa hidroponia a algo puro ou livre de impurezas, pois a ausência de terra e o ambiente controlado (estufas) dão a impressão de um produto higiênico e, por extensão, saudável e orgânico (Rezende, Barros e Smith, 2011). A confusão decorre, portanto, de uma leitura estética e superficial do processo produtivo, onde a ausência de terra é interpretada como equivalência à ausência de contaminação e de agrotóxicos.

No entanto, o cultivo hidropônico se diferencia do cultivo orgânico por empregar água enriquecida com nutrientes essenciais, sem a utilização do solo. Esses produtos podem conter substâncias nocivas ao organismo humano, que causa risco à saúde. Segundo Beninni et al. (2009, p. 161), o “nitrato” e o “nitrito”, presentes nesses alimentos em alta concentração pode provocar câncer e outras complicações.

Os alimentos hidropônicos, mesmo não sendo produzidos de forma convencional, podem apresentar índices de contaminação por agrotóxicos no processo de seu cultivo. Diferentemente, os produtos orgânicos que não admitem nenhum vestígio de herbicida em todo seu processo produtivo (Darolt, 2017).

Quando perguntados se tiveram alguma disciplina/curso que abordou o assunto alimentos orgânicos/alimentação saudável, predominaram respostas afirmativas na Escola B (60,47%), enquanto na Escola A menos da metade (46,67%) indicaram terem cursado (Gráfico 6). O destaque fica para a 6ª e 7ª séries da Escola B que apresentaram maior número de respostas afirmativas.



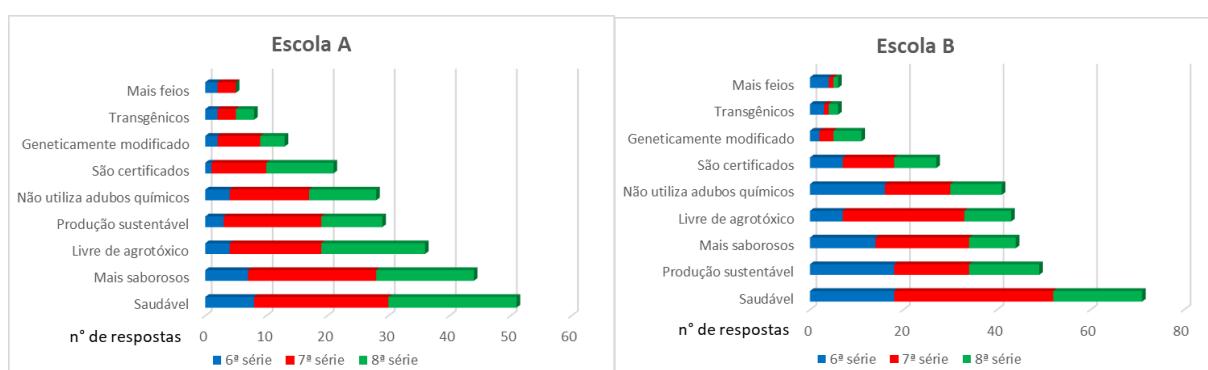
Fonte: Pesquisa de campo, 2024.

Gráfico 6 - Percepção de ter cursado alguma disciplina/curso que abordou o assunto alimentos orgânicos/alimentação saudável entre os discentes das escolas estudadas em Corumbá-MS

Trabalhar o conceito de alimento orgânico é essencial em todas as séries, isso só pode ser possível com a adoção de conteúdos aplicados em diferentes disciplinas nas instituições. Segundo Bittar e Soares (2020, p. 299) “a adolescência é uma fase marcada por mudanças”, ou seja, os adolescentes estão em constante mudanças e descobertas e a alimentação faz parte desse processo. Saber que tipo de alimento comer e como ele é produzido é de suma importância para essas crianças e isso só é possível com o conhecimento transmitido em sala de aula.

A última questão do questionário solicitou que os estudantes associassem palavras-chave a alimentos orgânicos, permitindo múltiplas escolhas. As palavras foram selecionadas intencionalmente para avaliar a profundidade do conhecimento dos alunos e foram divididas em dois grupos: a) termos corretamente associáveis (seis primeiras): saudável, mais saborosos, livre de agrotóxico, produção sustentável, não utiliza adubos químicos e são certificados; b) termos incorretos ou opostos (três últimas): geneticamente modificado, “transgênicos e mais feios.

Os resultados obtidos, apesar do embaralhamento das opções, indicaram a necessidade de maiores esforços com a educação alimentar e agroecológica dos entrevistados. A análise da frequência das associações corretas e incorretas serviu como um diagnóstico claro de que o conhecimento dos estudantes sobre os alimentos orgânicos é, em grande parte, superficial e não abrange seus princípios de produção. (Gráfico 7).



Fonte: Pesquisa de campo, 2024.

Gráfico 7 - Palavras associadas com alimentos orgânicos pelos discentes das escolas estudadas em Corumbá-MS

A associação indevida de termos como "geneticamente modificado" ou "transgênico" ao orgânico revela a confusão entre diferentes sistemas agrícolas e a ausência de uma base conceitual sólida, confirmando a urgência de intervenções pedagógicas nas escolas analisadas.

Os alimentos orgânicos foram associados a todas as palavras sugeridas, em ambas as escolas, diferentes proporções. A palavra mais escolhida foi "saudável", com 21,70% de indicações na Escola A e 23,83% na Escola B. Em seguida, na Escola A foram mencionados mais saborosos (18,72%), livre de agrotóxico (15,32%), produção sustentável (12,34%), não utiliza adubos químicos (11,91%), são certificados (8,94%). Na Escola B a "produção sustentável" foi a segunda mais escolhida (16,44%), acompanhada por mais saborosos (14,77%), livre de agrotóxico (14,43%), não utiliza adubos químicos (13,76%), são certificados (9,06%).

Cabe destacar que a palavra que remete a alimento orgânico é a certificação, do ponto de vista material, foi a menos escolhida em ambas as escolas. As palavras com sentido oposto: geneticamente modificado, transgênicos, mais feios foram citadas, respectivamente na Escola A, por 5,53%, 3,40% e 2,13%, e na Escola B por, 3,69%, 2,01% e 2,01%. Apesar de não representar um percentual elevado, a escolha das palavras "geneticamente modificado" e "transgênicos" demonstra problemas na compreensão de uma alimentação saudável e precisam de atenção por parte dos gestores e docentes.

Segundo Hughner et al. (2007), a motivação principal para a compra e a percepção de alimentos orgânicos é o benefício pessoal à saúde. O consumidor associa o produto orgânico diretamente a uma dieta mais nutritiva e segura, livre de resíduos químicos. Portanto, a resposta dos alunos reflete a internalização do discurso de que "orgânico é igual a saúde", sendo essa a principal razão de valor percebido.

Em pesquisa realizada com 400 consumidores de produtos orgânicos da área urbana de Campo Grande-MS, Lima Filho e Silva (2012, p. 36) descrevem que os entrevistados consideram "os produtos orgânicos são mais saborosos, mais seguros quanto à saúde e higiene e têm melhor aparência do que os produtos convencionais". Além disso, destacam sua importância para a sustentabilidade ambiental, principalmente, por não serem produzidos com o uso de agrotóxicos.

Ao entrevistar 100 consumidores da feira livre de Pombal – PB, Nobre (2012) constatou o diferencial dos produtos orgânicos pelo sabor. A associação com "mais saborosos" (qualidade organoléptica) é um fator de valorização mercadológica. A percepção de sabor superior em produtos orgânicos é um forte motivador de consumo e é frequentemente atribuída à maior saúde do solo e à menor intervenção química no ciclo de crescimento da planta. O fato de os alunos terem essa percepção sugere que eles absorveram o discurso de qualidade integral do produto.

A associação de alimentos orgânicos com termos como "geneticamente modificado", "transgênicos" e "mais feios" expõe as contradições e lacunas conceituais profundas na percepção dos estudantes. A escolha dessas palavras pelos estudantes sugere uma falha educacional grave na distinção entre os modelos agrícolas e a influência de preconceitos estéticos no consumo nesses alunos. Essa confusão demonstra a urgência de uma educação alimentar que delimita claramente as fronteiras do que é permitido em cada sistema.

CONCLUSÃO

As duas escolas públicas que foram analisadas em Corumbá/MS têm trabalhado os conteúdos ligados ao conhecimento de agroecologia e alimentação saudável de maneira insuficiente ou equivocada. Apesar da maioria dos alunos afirmar que sabem o que são alimentos orgânicos não se observa uma associação com a agroecologia, demonstram confusão com hidroponia e não distinguem seu sistema produtivo com o da agricultura convencional.

A Geografia, como disciplina escolar da Educação Básica, com seu enfoque crítico deve destacar as diferenças entre a agricultura convencional e a agroecologia. Os alimentos orgânicos são, anualmente, promovidos pelo Governo Federal e pelos Núcleos de Estudos de Agroecologia (NEAs). Portanto, existem elementos fundamentais disponíveis para a formação sólida dos jovens no período escolar.

Este estudo contribui para demonstrar as percepções sobre agroecologia e alimentos orgânicos de alunos de duas escolas de Corumbá/MS. Partiu-se de um questionário simples, com questões dicotômicas do tipo sim ou não. Os resultados sugerem estudos mais pormenorizados para identificar as deficiências de conhecimentos sobre a temática tratada. Estudos de gênero, também, podem promover outras reflexões positivas. A agroecologia está diretamente ligada a ideia de conservação ambiental, uma das bandeiras da geografia emancipatória engajada com as causas socioambientais.

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro através da Chamada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 - Faixa B - Grupos Consolidados, Processo: 404556/2021-3, ao projeto de pesquisa “Apoio à expansão da produção agroecológica e da certificação orgânica de agricultores familiares na fronteira Brasil-Bolívia”. À Universidade Federal de Mato Grosso do Sul pelo apoio de infraestrutura, pessoal e financeiro.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, M. A. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

BITTAR, C.; SOARES, A. Mídia e comportamento alimentar na adolescência. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 28, n. 1, p. 291-308, Jan-Mar 2020. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAR1920>.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996.

CHIES, J. J.; SACCO DOS ANJOS, F. Ocupar, resistir e produzir: famílias assentadas e feiras agroecológicas na Região Metropolitana de Porto Alegre, RS, Brasil. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 62, n. 3, e283305, 2024. <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2023.283305>.

COSTA NETO, C.; CANAVESI, F. Sustentabilidade em assentamentos rurais: o MST rumo à reforma agrária agroecológica no Brasil. In. ALIMONDA, H. (Comp.). **Ecología Política**. Naturaleza, sociedad y utopía. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2002. p. 203-215.

DAROLT, M. R. **Alimentos Orgânicos**: um guia para o consumidor consciente. 2.ed. Londrina: IAPAR, 2007.

DAROLT, M. **Guia do consumidor orgânico**. Como reconhecer, escolher e consumir alimentos saudáveis. Rio de Janeiro: Sociedade Nacional de Agricultura; Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, 2015.

FARIAS, L. F.; SOARES, J. P. G.; SOUSA, R. L. de. O mercado de orgânicos e os preços praticados nos principais canais de comercialização na cidade de Goiânia, GO. **Iheringia, Série Botânica.**, [S. I.], v. 77, 2022. DOI: 10.21826/2446-82312022v77e2022009.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

GIORDANI, R. C. F.; BEZERRA, I.; ANJOS, M. C. R. Semeando agroecologia e colhendo nutrição: rumo ao bem e bom comer. In. SAMBUICHI, R. H. R. et al. (org.) **A Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica no Brasil**: uma trajetória de luta pelo desenvolvimento rural sustentável. Brasília: Ipea, 2017. p. 433-454.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia**: processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

HUGHNER, R. S.; MCDONAGH, J.; PROTHERO, A.; SHULTZ, C. J.; STANTON, J. Who consumes organic foods? A review and synthesis of the literature. **Journal of Consumer Behaviour: An International Research Review**, v. 6, n. 1, p. 17–31, 2007. <https://doi.org/10.1002/cb.210>.

JÚNIOR, J. **Proposta redefine responsabilidades de estados e municípios na educação pública**. Brasília-DF: Câmara dos Deputados, 30 jun. 2021.

KLOS, V. D. S.; VERRUMA-BERNARDI, M. R. Percepção do consumidor frente aos produtos orgânicos e convencionais. **Revista Higiene Alimentar**, v. 31, n. 271, p. 108-112, 2017.

LABOISSIERÉ, P. Estudos da Anvisa faz alerta sobre resíduos de agrotóxicos em alimentos. **Agência Brasil**, Brasília, 06 dez. 2023. Caderno Saúde.

LEME, A. C.; PHILIPPI, S.T.; TOASSA, E. C. Práticas e percepções alimentares: o que os adolescentes pensam sobre uma alimentação saudável? **Revista Brasileira de Nutrição Clínica**, v. 25, n. 1, p. 1-20, 2011.

LEMES, A. F. G.; NUNES, C. E. P. **Agroecologia na escola**: planos de aula para o ensino de ciências. São Paulo: Pedro e João Editores, 2024.

LIMA FILHO, D. O.; SILVA, F. Q. Percepção do consumidor sobre produtos orgânicos. **Revista Brasileira de Marketing**, v. 11, n. 1, p. 29-46, 2012. DOI: 10.5585/remark.v11i1.2297.

NOBRE, K. M. R. **Percepção da produção sustentável dos comerciantes e consumidores da feira livre de Pombal - PB sobre as hortaliças orgânicas**. 2022. 44 f. Dissertação (Sistemas

Agroindustriais) - Centro de Ciências e Tecnologia Agroalimentar. Universidade Federal de Campina Grande, Pombal, Paraíba, 2022.

NUNES, C. Na hora de comprar orgânicos, fique atento a preços e quantidade. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 fev 2024. Caderno Economia.

OLIVEIRA, J. G. A. de; REIS, H. S. dos; ARAÚJO, J. F.; BOMFIM, L. S. V.; BARBOSA, A. C. F. Biodiversidade e a revitalização dos solos – da ação microbiológica à adição de nutrientes para remineralização. **Ciência Florestal**, [S. I.], v. 35, p. e70819, 2025. <https://doi.org/10.5902/1980509870819>.

ROSSET, J. S.; COELHO, G. F.; GRECO, M.; STREY, L.; GONÇALVES JUNIOR, A. C. Agricultura convencional versus sistemas agroecológicos: modelos, impactos, avaliação da qualidade e perspectivas. **Scientia Agraria Paranaensis**, [S. I.], v. 13, n. 2, p. 80–94, 2014. DOI: 10.18188/sap.v13i2.7351.

SACRISTÁN, J. G. **O currículo**: uma reflexão sobre a prática. Porto Alegre: Artmed, 2000.

REZENDE, F. A.; BARROS, D. L., SMITH, J. O. Percepção de consumidores sobre produtos orgânicos em Lavras/MG: resultados de pesquisa exploratória. **Revista Norte Científico**, v. 6, n. 1, p. 1-15, 2011.

SCAREBELOT, M.; SCHNEIDER, S. As cadeias agroalimentares curtas e desenvolvimento local: um estudo de caso no município de Nova Veneza/SC. **Revista Faz Ciência**, v. 14, n. 19, p. 101-130, 2012. <https://doi.org/10.48075/rfc.v14i19.8028>.

SILVA, A. M. de D. da; KOLCHINSKI, E. M.; BIONDO, E. Diagnóstico do mercado de consumo de produtos orgânicos no município de Guaporé/RS. **Revista Eletrônica Científica da UERGS**, [S. I.], v. 9, n. 3, p. 222-231, 2023. DOI: 10.21674/2448-0479.93.222-231.

SILVA, G. B. da; SILVA, A. M. V. da; PAZ, H. C. Mudanças nos hábitos alimentares dos consumidores na escolha dos alimentos orgânicos in natura: **Revista Visão: Gestão Organizacional**, Caçador (SC), v. 14, n. 1, p. e3683-e3683, 2025. DOI: 10.33362/visao.v14i1.3683.

TORRES, R. Você sabe qual é a diferença entre agricultura orgânica e agroecologia? **O Joio e o trigo**, São Paulo, 21 jun. 2023.